

ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS E O ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO ADULTO

TRAJECTORY ANALYSIS AND THE STUDY OF ADULT PSYCHOLOGICAL DEVELOPMENT

ANÁLISIS DE TRAYECTORIA Y EL ESTUDIO DEL DESARROLLO PSICOLÓGICO ADULTO

*Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira**

*Priscila Pereira Mendes Nascimento***

RESUMO

Este artigo apresenta um modelo teórico-metodológico, para a análise de trajetórias biográficas em Psicologia do Desenvolvimento, que integra duas abordagens: o modelo de equifinalidade de trajetórias e a teoria do sistema de *self* dialógico. Baseia-se em um estudo de caso que parte de dados fornecidos por um projeto de pesquisa qualitativa sobre envelhecimento, da qual participaram seis mulheres que são a cuidadora principal de pessoa idosa da família, esta com diagnóstico de demência. O estudo original envolveu a realização de duas entrevistas individuais, genograma, mandala autobiográfica e grupo focal. Os resultados apontaram que o tornar-se cuidadora, ponto de equifinalidade das trajetórias biográficas das participantes, foi associado a significados diversos. O cuidar funcionou como catalisador de novos processos de desenvolvimento e de prospecções de si orientadas ao futuro. No fim, o artigo avalia o valor heurístico do arranjo teórico-metodológico proposto para o campo de estudos sobre desenvolvimento adulto e curso de vida.

Palavras-chave: Curso de vida. Cuidadora. Desenvolvimento do adulto. *Self*. Trajetórias.

ABSTRACT

This work proposes a theoretical-methodological model for the analysis of adult trajectories within developmental psychology. The model integrates the Trajectory Equifinality Model (TEM) and the Dialogical Self System Theory (DSST) and is explained through the presentation of a case study, one of the six studies elaborated in a research project on aging in which participated six middle aged women who were the primary caregivers of elderly family members diagnosed with dementia. The procedures adopted

Texto recebido em 4 de junho de 2020 e aprovado para publicação em 8 de setembro de 2020.

* Pós-doutora em Desenvolvimento Humano e doutora em Educação. Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. Endereço: Instituto de Psicologia, sala 006/7, ICC - Ala Sul. Campus Darcy Ribeiro - Asa Norte, Brasília-DF, Brasil. CEP: 70910-900. Telefones: (61) 98127-9275 e (61) 3107-6888. E-mail: mcsloliveira@gmail.com

** Mestra em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. Instituto Federal de Brasília, Campus Samambaia. Telefone: (61) 98267-6904. E-mail: priscila.nascimento@ifb.edu.br

were individual interview, genogram, autobiographical mandala, and focus group. Results pointed out that the transition to the role of caregivers, the equifinality point shared by participants, was differently conceived by each of them and functioned as a catalyzer of novel developmental processes and self-projections that guided them towards the future. Then, the paper elaborates on the heuristic value of the proposed model considering the field of adult development and life course studies.

Keywords: Life course. Caregiver. Adult development. *Self*. Trajectory.

RESUMEN

Este artículo propone un modelo teórico-metodológico para el análisis de trayectorias biográficas en psicología del desarrollo en el que se integran dos abordajes: el Modelo de Equifinalidad de Trayectoria y la Teoría del Sistema del *Self* Dialógico. Se basa en un estudio de caso, el cual es parte de un proyecto de investigación cualitativa sobre el envejecimiento, donde participaron seis mujeres quienes son las principales cuidadoras de personas mayores en la familia, diagnosticada con demencia. En el estudio original se recolectó datos por medio de entrevista individual, genograma, mándala autobiográfica y grupo focal. Los resultados muestran que el convertirse en cuidadoras, el punto de equifinalidad en común a las participantes recibió diferentes significados por parte de éstas y funcionó como catalizador de nuevos procesos de desarrollo y auto prospección orientada hacia el futuro. Al final, el artículo evalúa el valor heurístico del arreglo teórico-metodológico propuesto para el campo de estudios sobre desarrollo de adultos y curso de la vida.

Palabras clave: Curso de vida. Desarrollo de adultos. Psicología del desarrollo. *Self*.

1 INTRODUÇÃO

Diferentes modelos teóricos em Psicologia do Desenvolvimento contemporânea têm adotado o conceito de trajetória biográfica (ou simplesmente trajetória) como unidade de análise dos processos de desenvolvimento humano, no curso de vida (Silva, 2017, Zittoun, 2009; Zittoun et al., 2013), com o objetivo de superar visões teleológicas, prescritivas e dicotômicas no enfoque do desenvolvimento humano, que predominaram entre as abordagens tradicionais da Psicologia do Desenvolvimento. Para a análise de trajetórias, este trabalho propõe a articulação de dois modelos teórico-

metodológicos: o Modelo de Equifinalidade de Trajetórias, ou, Trajectory Equifinality Model, doravante TEM (Sato, & Valsier, 2010; Sato et al., 2016) e a Teoria do Sistema de *Self* Dialógico, doravante TSSD (Freire, & Branco, 2016a, 2016b). A arquitetura teórico-metodológica aqui proposta é ilustrada com a apresentação de um estudo de caso, extraído de um estudo sobre trajetória de desenvolvimento adulto que teve como participantes cuidadoras informais de pessoa idosa da família acometida por quadros de demência (Nascimento, 2019).

O tema do cuidado informal prestado à pessoa idosa que perdeu autonomia por causas diversas tem recebido crescente atenção no ambiente científico, especialmente em relação às Ciências da Saúde (Faria et al., 2017; Gratão et al., 2013; Oliveira et al., 2016) e gerontologia (Ferreira, & Barham, 2016). Tem sido estudado da mesma forma pelas Ciências Humanas e Sociais (Debert, 2016; Hedler et al., 2016), com destaque para a Psicologia da Saúde (Moreira et al., 2018; Schuck, & De Antoni, 2014). Entretanto pouca atenção é conferida nesses estudos a aspectos mais subjetivos da relação de cuidado, onde não se avaliam os efeitos das atividades e responsabilidades inerentes ao cuidado ao idoso em relação à catalisação de trajetória de desenvolvimento da cuidadora informal, o que é a tônica deste trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CURSO DE VIDA: ABORDAGEM DE TRAJETÓRIAS

No campo dos estudos psicológicos contemporâneos, há uma crescente preocupação com a construção de modelos teóricos voltados à compreensão da totalidade da pessoa em desenvolvimento no tempo irreversível, não limitados ao enfoque causal de comportamentos ou ao estudo de funções mentais pretensamente isoladas e estáticas (Oliveira, 2020). Em meio às abordagens críticas no estudo do desenvolvimento humano, nota-se a preocupação crescente quanto à identificação de unidades de análise que permitam o enfoque idiográfico da pessoa em desenvolvimento, no fluxo contínuo do tempo, e o conceito de trajetória atende a essa característica.

Importante considerar a origem do conceito de trajetória e suas diferentes acepções teóricas em Psicologia. Emerge nos estudos ontogenéticos de Elder (1998; Daaleman, & Elder, 2007), como parte do enfoque do desenvolvimento humano no curso de vida. No entanto, para Elder, a noção de trajetória é coerente com a visão moderna de desenvolvimento como progresso, uma trilha linear e ascendente percorrida desde o nascimento. Em tal abordagem, o passado define as condições para o presente e o futuro. A perspectiva de Wheaton e Gotlieb

(1997) concebe trajetória de desenvolvimento como a tendência probabilística de se persistir nos mesmos esquemas e padrões, ao longo do curso de vida.

Nota-se, em ambas as abordagens, uma compreensão normativa das trajetórias biográficas, em que falta uma visão dinâmica que acolha a ideia de desvio e reconstrução; carecem ainda de uma perspectiva temporal prospectiva, orientada ao futuro em lugar de priorizar o passado (Sato, & Tanimura, 2016).

Como a concebemos, a trajetória biográfica de uma pessoa é construída ao longo do tempo e envolve um duplo processo: por um lado, a ideia de um “si mesmo” percebida por ela como permanente ao longo tempo; e, por outro, as vivências e dinâmicas de descontinuidade e mudanças microgenéticas no curso de vida (Freire, & Branco, 2016a, 2016b). Essa noção de trajetórias é incorporada neste trabalho como a unidade de análise dos processos de desenvolvimento humano.

Com esse intuito, vamos abordar duas perspectivas sensíveis ao caráter reconstrutivo e prospectivo das trajetórias e que, por suas características, são complementares. Uma delas contribui para o enfoque topológico e sistêmico do sujeito em desenvolvimento, a TSSD, enquanto o TEM aponta para a construção de trajetórias como fenômeno temporal, e enfatiza o valor das rupturas no desenvolvimento humano.

3 TSSD: UM *SELF* SISTÊMICO E PLURAL

O conceito de sistema de *self* dialógico (SSD) (Freire & Branco, 2016a, 2016b) é um desdobramento do conceito de *self* dialógico proposto por Hermans, Kempem e colaboradores (Hermans, & Kempem, 1993; Valsiner, 2016), tendo em conta uma perspectiva analítica em que a subjetividade se reorganiza, interna e externamente, na relação dinâmica com o outro e com a cultura (Oliveira, & Guimarães, 2016; Santana, & Oliveira, 2016; Valsiner, 2016; Zittoun, & Gillespie, 2015).

Seguindo essa trilha, a TSSD concebe que o *self*, ou subjetividade, não é uma unidade fechada em si mesma, mas constitui um sistema dinâmico e aberto, caracterizado por uma multiplicidade de posições subjetivas em relação, que se formam e transformam no fluxo irreversível do tempo. Em outras palavras, o SSD desenvolve-se com base no histórico de ininterruptas relações que se dão no próprio sujeito (entre posições do eu), entre sujeitos (sujeito-outro) e deles com a cultura (Branco et al., 2018; Oliveira, & Guimarães, 2016). Ademais, cada posicionamento do *self* inclui duas dimensões em estreita interdependência: o Eu que age no mundo, dimensão da experiência (*agency*) e o próprio *Self*,

como a dimensão que produz significados (cognitivos, afetivos e morais) sobre o agir. A unidade dialógica *Eu/Self* aplica-se a todas as possíveis posições do Eu e, em dado momento do curso de vida, contribui para a gênese de um senso de continuidade da pessoa no tempo e no espaço, a que denominamos trajetória biográfica. Consideramos a trajetória como a unidade do *self* no curso de vida (Nascimento, 2019; Oliveira, & Guimarães, 2016).

Ao tratarmos de *self* e trajetórias de vida, a temporalidade é uma dimensão importante a ser destacada. Nesse caso, o tempo não é entendido como movimento linear, homogêneo e unidimensional, medido pelo intervalo entre duas posições dos ponteiros do relógio. Lida-se com diferentes temporalidades correndo em paralelo, como o tempo microgenético da experiência, a filogênese, além da ontogênese e do tempo histórico-social. Assim, é possível que o sujeito se transforme no “aqui e agora”, tendo em conta experiências vivenciadas no passado e a prospecção imaginária de possibilidades de futuro. Isso não ocorre de uma maneira ordenada, sequencial. A criação de horizontes de futuro (Araújo & Oliveira, 2020) altera a compreensão do sujeito sobre si, no presente, permitindo que, inclusive, o passado e as memórias sejam reconstruídos (Wagoner, & Brescó, 2016).

Zittoun (2009) salienta que a trajetória biográfica é constituída por experiências de continuidade e disrupção, estas últimas causadoras de transições de desenvolvimento. Transições são a resposta psicológica, subjetivamente relevante, ou a que é possível para aquele sujeito particular, diante das circunstâncias da vida a cada momento, sejam estas transições associadas a eventos biológicos (cf. a puberdade), institucionais (*vide* ciclos de vida acadêmica ou profissional) ou qualquer situação imprevista que gere uma ruptura significativa e particular, no indivíduo. Portanto, a transição demarca o movimento do *self* em direção à construção de um novo *modus operandi*, que leva o sujeito a novas formas de agir, pensar e organizar seu modo de viver. Para tanto, os sujeitos se utilizam de dispositivos imaginários, afetivos e discursivos diversos que os ajudam a sustentar o projeto de continuidade de si como SSD, no tempo irreversível (Araújo, & Oliveira, 2020).

4 TEM: CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DO SSD

O TEM é uma abordagem interdisciplinar e idiográfica que, de acordo com Sato e colaboradores (Sato et al., 2009; Sato et al., 2016; Sato, & Valsiner, 2010), surge da necessidade de oferecer à Psicologia contemporânea esquemas analíticos que preservem dois aspectos centrais a todo fenômeno humano: o tempo e a mudança. Nessa medida, o modelo visa a contribuir para explicar como, no curso de vida, se dá a transformação de potencialidades em atualidades.

O conceito de equifinalidade provém da Biologia e refere-se à ideia de que, tendo em conta que a finalidade dos sistemas vivos é permanecerem vivos, o desenvolvimento humano pode envolver múltiplos cursos (Sato, & Tanimura, 2016). Da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento, potencialmente, cada indivíduo vivencia processos de desenvolvimento segundo uma trajetória particular e irrepetível. Assim, o TEM permite o enfoque idiográfico, que parte da perspectiva particular dos participantes de pesquisa para ensaiar generalizações a partir de pontos de equifinalidade.

O cerne da proposta teórico-metodológica do TEM é a ideia de cronogênese, tendo em conta a relevância dos momentos decisórios do curso de vida, aqueles em que o sujeito se vê diante de duas ou mais alternativas que o levam a dar uma guinada em seu sistema de significados a fim de reorganizar e compreender a configuração da própria trajetória.

A fim de lidar com o fato de que as trajetórias humanas são sempre únicas e irrepetíveis (mas a Psicologia visa à generalização), sugere-se que o pesquisador identifique um campo de experiências comum entre os participantes, denominado ponto de equifinalidade (Sato, & Valsiner, 2010). Neste trabalho, por exemplo, o ponto de equifinalidade entre as participantes foi a condição de cuidadoras de idoso da família, com demência. Por meio de diferentes recursos (entrevistas, autobiografias ou diários), é possível que se chegue a uma representação gráfica do curso da vida, considerando processos em níveis micro, meso ou ontogenéticos, de acordo com os objetivos da pesquisa (Silva, 2017). Via de regra, o sujeito é incitado a produzir histórias sobre eventos e, ou, experiências disruptivos, enquanto se busca identificar e interpretar as marcas que os eventos narrados provocaram na configuração de trajetória, as quais o modelo denomina pontos. Há os “pontos de passagem obrigatória”, “pontos de equifinalidade”, “pontos de multifuncionalidade” e de “bifurcação”. Vamos nos deter neste último.

Os pontos de bifurcação correspondem a momentos que levam o sujeito à necessidade de se posicionar ante duas ou mais alternativas de futuro, tal como a abertura de um “Y” no fluxo da vida. Os pontos de bifurcação têm papel decisório na organização temporal do *self*, pois influenciam o modo como o sujeito reconstrói o passado e projeta o futuro, ao levá-lo a fazer uma escolha que altera, de alguma maneira, sua forma de ver, experienciar e projetar a própria vida. E permitem ao sujeito criar significados que funcionam tal como uma nova escala de valores, que o ajudam a organizar sua história pessoal e a posicionar-se ante o irreversível fluir do tempo, do passado ao futuro.

Desse modo, neste trabalho, temos por objetivos discutir o valor heurístico de um modelo de análise do curso de vida, tendo por base o TSSD e o TEM,

e que se caracteriza pelo enfoque idiográfico do desenvolvimento humano; e contribuir para o debate sobre Psicologia do Desenvolvimento Adulto.

5 MÉTODO

Apresentaremos e analisaremos um estudo de caso. O caso Elisa, em análise a seguir, foi extraído de uma pesquisa com mulheres de meia-idade, cuidadoras informais de idoso de sua família (Nascimento, 2019). Trata-se de um estudo qualitativo (Gonzalez-Rey, & Martínez, 2016) que possibilitou a elaboração de uma proposta teórico-metodológica para a investigação do desenvolvimento do adulto.

Os procedimentos adotados foram: condução de duas entrevistas individuais que focalizaram, uma, o desenvolvimento infantojuvenil, e outra, a vida adulta; construção de genograma familiar; preenchimento de mandala de história de vida; realização de grupo focal. À luz dos indicadores empíricos gerados pela triangulação dos diferentes instrumentos e procedimentos, foram realizadas as análises de trajetória.

A pesquisa contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa de Ciências Humanas CEP-IH, sob o número de protocolo 2.760.030.

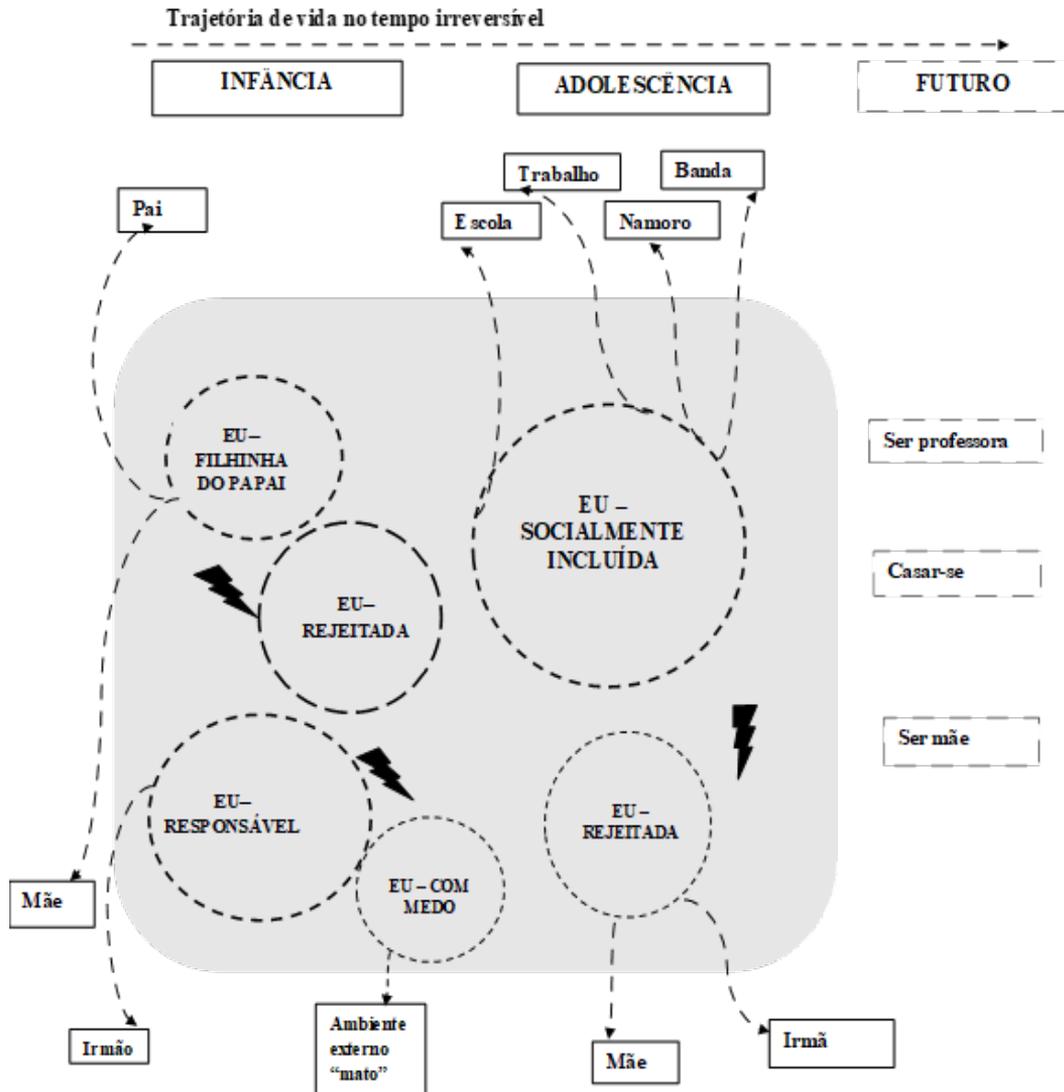
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 O caso Elisa: estudo do desenvolvimento adulto

Elisa nasceu no interior da Região Norte do Brasil, sendo a quarta entre cinco irmãos. Casada, à época da pesquisa (2018), tinha 52 anos e residia no Distrito Federal, com o marido, o filho mais novo e a mãe, que tem doença de Alzheimer e de quem a participante era cuidadora principal desde 2015. Tomando as informações obtidas na entrevista 1 (que privilegiou sua infância e adolescência) e 2 (que abordou fenômenos da vida adulta) como bases de configuração de trajetória, os resultados do estudo de caso são apresentados a seguir e ilustrados na forma de três mapas. A figura 1 representa o SSD de Elisa, destacando os posicionamentos dominantes mencionados por ela em relação aos anos iniciais da vida.

Figura 1

Sistema de self dialógico de Elisa (infância e adolescência)



Fonte: Nascimento, 2019.

Durante a primeira entrevista, Elisa apresentou posicionamentos polarizados em relação às duas figuras mais importantes de sua vida na infância: pai e mãe. Em relação ao pai, que cedia a todos os seus pedidos, sobressaiu o posicionamento “**eu como a filhinha do papai**”, reificado também pelos irmãos. A relação entre Elisa e o pai era caracterizada como sendo muito afetiva e íntima: “Eu era muito apegada ao meu pai. Eu dormia no colo meu pai até 10 anos, os outros não. Eram homens, né?”. Esse vínculo afetivo tão intenso com o pai mostrou-se importante na organização de seu sistema de *self* na infância, trazendo-lhe

conforto e segurança, visto que o relacionamento com a mãe foi descrito como tendo sido bastante conturbado, levando à emergência da posição “**eu rejeitada pela mãe**”. Esta logo se converteu em posição dominante, pela frequência com que foram experimentados episódios depreciativos, gritos e humilhações na relação com a progenitora:

Eu sei que amor de mãe eu tenho, é eterno, mas, harmonia, é muito complicada harmonia. É tanto que até hoje eu não gosto de que fale alto. Se falar alto comigo, eu me altero. Não fale alto comigo que eu não gosto. Eu sofri muito com isso, eu sentia isso: nada era bonito em mim. Tudo era feio. “Como você está?”, “Olha que corpo feio”. Quando eu era criança, ouvia muito isso.

A minha mãe, eu queria o colo da minha mãe, eu queria o quê? Não o sentar, mas o colo de um elogio, ela cuidava muito de mim, me dava, já me dava tudo, mas o carinho . . . (suspiro triste). Aí, eu ia dizer assim, tudo era complicado. Eu não tinha esses elogios, eu não sei se é porque é devido a forma como ela viveu.

Elisa evidencia ter sofrido em decorrência do maltrato e das críticas da mãe, que não parecia enxergar nada de bonito nela, e logo passou a lidar com a percepção de que não tinha nada de bom a oferecer. Falou da necessidade de elogios. O signo elogio foi elaborado semanticamente e assumiu o significado da expressão máxima de afeto, aconchego e acolhimento do outro, algo que ela se ressentia de não ter encontrado na relação com a mãe.

Um dos afetos destacados na narrativa de Elisa sobre a infância foi o medo, do qual não podemos dimensionar sua relação com a baixa autoestima e insegurança desenvolvida na relação com a mãe. Ao mesmo tempo, o medo sentido era regulado pelo sentimento de responsabilidade em relação ao irmão:

Nessa época, eu lembro que tinha medo de bichos, medo de algo me carregar. Eu enfrentava calada. Então eu tinha que ficar forte, tinha que levar ele (o irmão) para a escola. Como a minha irmã mais velha, que fazia esse papel, foi embora para uma cidade que fica a mais de 3.000 quilômetros de distância, eu fiquei com ele, eu mais nova que ele, mas sempre fiz esse papel de companhia, mas, às vezes, eu tinha medo quando dava a noite, eu tinha um pouco de medo.

Elisa se sentia responsável por cuidar e proporcionar segurança ao irmão, o que a levou a reprimir a expressão do medo. Pôde-se identificar, ainda que embrionariamente, nessa parte do relato, elementos que contribuiriam para a constituição do posicionamento de *self* “**eu como cuidadora**”.

Na adolescência, novos relacionamentos começam a compor os círculos sociais de Elisa. Diferentemente da infância, em que sua vida social era centrada na família nuclear e caracterizada por isolamento geográfico, na adolescência novos atores sociais entraram em cena e alteraram a configuração de seu sistema

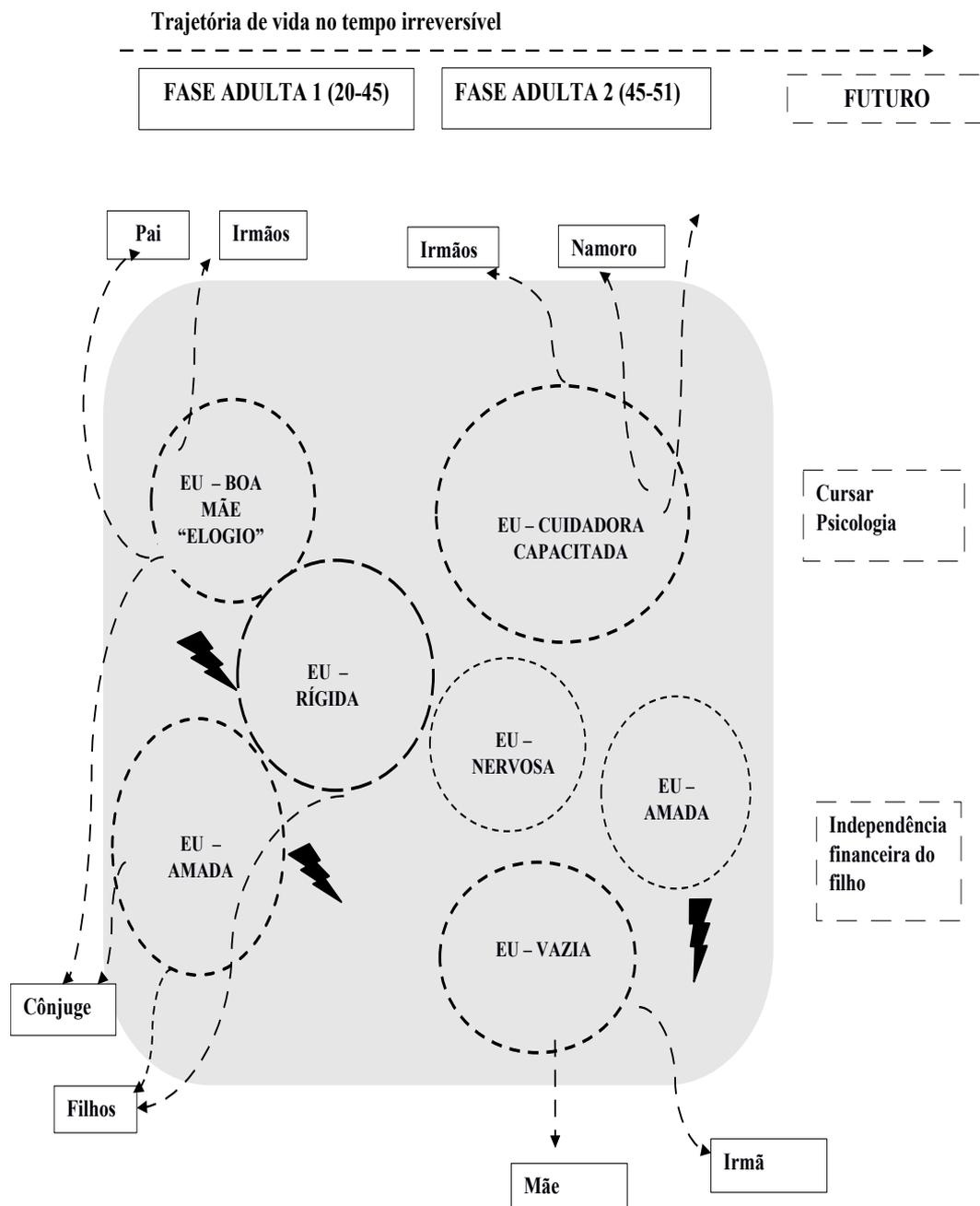
de *self*. Namorados, grupos de amigos de escola, igreja e banda foram colocados em evidência. Essas novas alteridades interagem com ela e criavam novas tensões entre as posições do SSD, em especial, no que se referia à oposição entre as posições “**eu rejeitada**” >< “**eu socialmente incluída**”. Contou ela, durante a primeira entrevista, em que trouxe fotografias familiares:

Aqui tem foto do Tocantins, em barragem de Araguaína (reunida com colegas à beira do rio). Eu participei de uma banda de música, eu viajava e eu cantava...

P: Sérió?

E: Sim, mas passou essa fase, não sei mais cantar. Aqui também era a Junina das escolas (participante apontou para outras fotos). Esse é o L., esse é o J. A., meu pai ainda estava vivo, e eu sempre fui muito farrista . . . As amizades, a escola, eu sempre me envolvi com a escola, em projetos. Eu sempre gostei.

A posição “**eu socialmente incluída**” passou a se configurar como dominante na adolescência. O distanciamento do núcleo familiar conflituoso propiciado pelas relações com essas novas alteridades foi crucial para que ela adquirisse maior autoestima. As trocas afetivas com a irmã, que eram praticamente inexistentes na infância, devido ao fato de aquela viver em outra cidade para frequentar a escola, intensificaram-se na adolescência, momento em que passou a questionar a mãe e refletir sobre a própria identidade.

Figura 2*Sistema de self dialógico de Elisa (fase adulta)*

Fonte: Nascimento, 2019.

A passagem para a adultez foi marcada pelo casamento. Elisa casou-se aos 20 anos e mudou-se de cidade, indo viver distante geograficamente da família de origem. Nesse contexto, ela buscou sobressair-se no papel de mãe, o que envolvia

o esforço de ser diferente de sua mãe. Especialmente nos primeiros tempos, ela relatou ter sido difícil educar os filhos sem reproduzir a criação rígida e, às vezes, violenta que recebeu da mãe, em especial:

Às vezes, eu me acho seca no abraço e no beijo, . . . às vezes, eu falo “pera aí”, eu aprendi muito, meu marido me ensinou muito. Eu era muito, muito pouco a minha mãe, sim . . . E aí ele (o marido) me ajudou a ser mais harmônica. Eu não tinha muito carinho não. Eu procurei elogiar porque eu nunca tinha sido elogiada. Eu tinha dificuldade em elogiar, mas eu queria elogiar meus filhos porque, como eu não fui elogiada em nada, nem no sapato, nem no cabelo, até hoje e (risos) né, então, a minha filha é, eu procurei.

A linha narrativa foi construída em cima de uma tensão semiótica entre as posições “seca no abraço e no beijo” e “eu procurei elogiar”, em meio às quais ela constitui o posicionamento “**eu como boa mãe**”. O tema do elogio reapareceu aqui mediando como o papel de mãe permitiu ultrapassar o recurso à violência física, presente de início, sob a mediação carinhosa do marido. Prover elogios aos filhos se tornou um signo central pelo qual Elisa balizava a qualidade das relações afetivas vivenciadas a partir de sua infância, em especial, com a mãe.

Na nova configuração relacional, a partir da experiência de maternidade, Elisa enfatizou a intensidade do vínculo com a filha primogênita, que se diferenciava do que ela própria manteve com sua progenitora, até a adolescência. Cinco anos antes da entrevista, a filha de 21 anos comunicou aos pais a decisão de se casar e mudar-se de cidade, na mesma época em que o filho, aos 16 anos, informou que seria pai. A soma desses eventos foram caracterizados por ela como um momento de crise e ruptura:

Ela ia se casar. Uns 15 dias antes, meu filho me dá notícia que ia ser pai, então foi supercomplicado para mim essa fase, . . . (A distância da filha) não é tão nada que não possa superar, isso também supera, mas é mais gradativamente. É uma pequena luta, né, a gente sabe que ela está viva, mas sinto falta daquela proximidade, daquele relacionamento que me completava. Mas eu vou conseguir, a gente tem que viver o hoje.

Esses eventos, em especial a mudança da filha para outra cidade, produziram uma ruptura abrupta e inesperada que ela retratou como a fase mais triste de sua vida. Representaram um divisor de águas e levaram a um ponto de bifurcação, culminando com o surgimento de uma nova posição no sistema de *self* dialógico de Elisa, o “**eu vazia**”. Essa posição se expressou por narrativas marcadas pela falta de sentido e perspectivas. Com o tempo, ela aprendeu a lidar com a nova realidade. Isso possibilitou a emergência de novos posicionamentos. Ela situou a reaproximação da mãe no contexto dessas mudanças pessoais.

A mãe já enfrentava problemas de saúde quando residia com o irmão de Elisa e sua família, em outro Estado. Elisa contou que se reaproximou da mãe,

aos poucos, trazendo-a para breves estadas em Brasília, para lazer e tratamento médico, que foram se alongando, até que a mãe não voltou mais para o Tocantins, permanecendo sob os cuidados dela.

Eu sempre quis fazer um tratamento com ela. Ela vinha pra cá, e eu tentava segurar, aí demorava um mês, dois meses. Ela ia embora horrorizada, aí pra terminar, e aí eu deixei passar um tempo e não a chamei mais, porque toda vez que ela vinha, não terminava os tratamentos . . . E comentei com a minha mãe no telefone se ela não queria vir pra cá, aí passear e aí ela veio pra cá. E, quando trouxeram ela, eu disse: “Agora que a senhora está aqui, nós vamos cuidar”. Falei pra eles [irmãos], né, porque lá eles não têm essa noção de que ela já não está mais normal. Essas confusões de brigar, já não é mais o normal dela. Eu falei: “Gente ela não está mais normal, eu sei que ela não está normal dela”. E eles obedecem a tudo o que ela fala, ainda como se fosse certo, mas ela não tem mais noção. Aí você vê que [você] está certa.

Mantivemos intencionalmente aqui grande parte da sequência narrativa em torno do processo de se tornar a cuidadora da mãe, que expressou a retórica eloquente de Elisa ao defender ser ela a melhor opção para cuidar da mãe: por ter um entendimento das implicações da demência; porque a cidade onde residia oferecia melhores condições de acesso a serviços médicos; e, finalmente, porque ela era capaz de “desobedecer” à mãe, diferentemente dos irmãos. Ao avaliar os recursos e modos de relação existentes no local onde a mãe residia antes e os que a mãe poderia contar se passasse a residir com ela, Elisa buscou criar estratégias para manter a mãe vivendo em sua casa. Nesse processo, começou a tomar força em seu SSD a posição **“eu cuidadora capacitada”**.

A posição **“eu vazia”**, que explicitava a carência afetiva deixada pela saída da filha de casa, foi modificada pelos cuidados à mãe, que passou a ocupar aquele vazio emocional e ainda ofereceu a Elisa a oportunidade de reconstituir o relacionamento com ela, em bases distintas das que vigoraram na infância e na adolescência. As novas experiências possibilitaram a reconstrução semiótica das vivências do passado e criaram projeções de futuro, em meio às relações cotidianas do presente.

Entretanto nem tudo foram flores na relação de cuidado. Havia impaciência da cuidadora, resistência da idosa ao cuidado, eventos de estresse e ansiedade, narradas por ela:

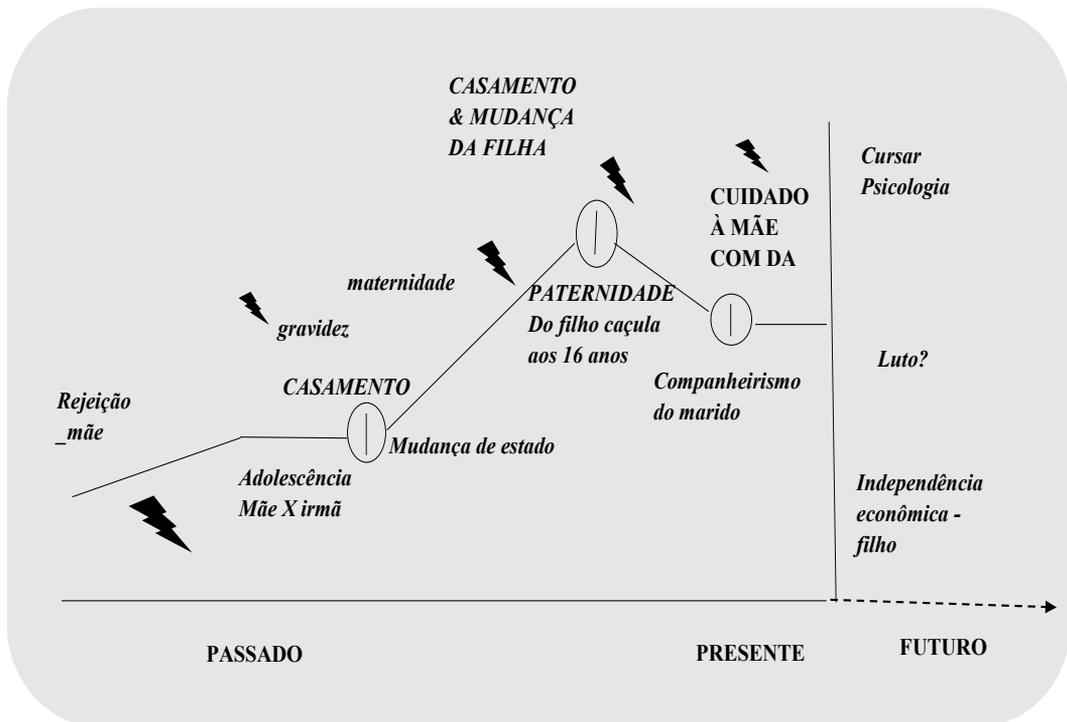
Eu estou vendo que, se eu alterar o tom de voz, mesmo ela achando ruim, mas ela faz. Enquanto eu tiver: “Vamos sair”, falando baixo, “A senhora podia trocar sua roupa que está suja por favor?”, não funciona . . . Aí ela sai daqui, ela vai pôr a roupa no varal, ela vai lá pra frente da casa, e distrai, e aí o tempo passa e a gente vai atrás: “Olha o tempo”, e ela diz, “Você acha que eu não sei?”. Mas ela se distrai fácil e demora muito para tomar banho. Às vezes, ela tá maravilhosa comigo, ela me escuta. Há momentos que ela é uma pessoa maravilhosa, assim, de tranquilidade, ela conversa bem.

Estava muito estressante . . . Eu percebi mudança em mim, sim. Eu tenho arritmia, pra mim, quando eu vou corrigir, que ela está agitada, eu também, sinto muito mais nervosismo em mim, né. Há momentos em que eu estou mais nervosa.

Elisa reportou o cuidado como relação marcada por altos e baixos, dificuldades para obter a adesão da idosa ao autocuidado, alterações no tom de voz e sentimento de culpa, alternados com momentos carinho, harmonia e aprendizagem. Os encargos do cuidado representaram para ela um contínuo aprendizado, a que ela se referia por analogia a “aprender a engatinhar”. Por outro lado, os paradoxos daquela relação produziam importantes tensões dialógicas em seu sistema de *self*, contribuindo para a ocorrência de alterações de saúde, como os episódios de arritmia cardíaca.

Figura 3

Trajatória biográfica de Elisa



Fonte: Nascimento, 2019.

As duas figuras anteriores referiam-se ao sistema de *self* de Elisa, considerando o esforço analítico envolvendo o conjunto de significados historicamente construídos por ela, em relação aos vários posicionamentos em interação no SSD, e alteridades proximais. A figura logo acima é uma síntese da trajetória biográfica de Elisa, seguindo o TEM, e destaca os principais pontos de bifurcação, ruptura e transição. Sublinham-se quatro momentos, cada um catalisado a partir

de rupturas significativas no sistema de significados que compõem sua cultura pessoal, com impacto em seu desenvolvimento global.

- a) Afirmação. Envolve a superação dos posicionamentos de *self* associados aos medos e à rejeição pela mãe, e tem por mote a reaproximação com a irmã, já na adolescência, cujos posicionamentos mais liberais passaram a servir-lhe de modelo e, pela primeira vez, Elisa acolheu a possibilidade de se opor à mãe, enfrentando-a, e podendo abrir-se a novas relações extrafamiliares.
- b) Novos padrões afetivos. O casamento e, especialmente, a experiência da maternidade suscitaram outra qualidade afetiva em Elisa, caracterizada pelo desejo de diferenciar-se da mãe no papel materno, o que levou a um vínculo estreito com a filha.
- c) Crise. Corresponde ao momento de afastamento da filha, devido ao casamento e à mudança de cidade, coincidindo com a paternidade precoce do filho adolescente.
- d) Resgate, que corresponde ao esforço de reaproximar-se da mãe e de colocar-se a seu serviço, no cuidado diário diante do quadro de doença de Alzheimer.

Nesse panorama, compreende-se que a transição ao papel de cuidadora foi vivida por Elisa não como um peso, um problema ou obrigação filial diante do evento inesperado da doença, mas como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, portanto, processo capaz de promover novas zonas de inteligibilidade sobre si e canalizar possibilidades de desenvolvimento futuro. Nas narrativas de entrevista, ela identificou que, assim como, durante a adolescência, a ampliação das redes socioafetivas e a reaproximação da irmã ofereceram-lhe a oportunidade de pensar mais em si mesma e encontrar meios para ampliar seu desenvolvimento pessoal, no momento da entrevista, ela traça metas para o futuro que recuperaram sonhos da adolescência e tinham a autorrealização como foco, a exemplo do plano de cursar o ensino superior quando o filho caçula (que ainda estudava e dependia deles para o sustento da própria filha, de 4 anos) conquistasse maior autonomia financeira.

Em suma, a nova oportunidade propiciada pelo papel de cuidadora da mãe favoreceu que a díade mãe-filha finalmente fechasse simbolicamente o ciclo da “infância”. Permitiu que se desenhasse outra qualidade de relação com a mãe, na qual o amor e o cuidado empenhados no labor diário em torno das necessidades e dificuldades dela tendessem a contribuir para um futuro mais saudável para Elisa, com realizações pessoais e o processo de luto em elaboração.

7 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo partiu da seguinte suposição: no contexto contemporâneo da saúde pública em que se associam a) maior expectativa de vida da população; b) afecções neurológicas associadas à velhice cada dia mais complexas, e c) ausência de políticas públicas de suporte ao cuidado ao idoso com perda de autonomia, o cuidado informal a parente idoso é demandado, convertendo-se em experiência extenuante, capaz de afetar a saúde e subtrair a qualidade de vida da(s) pessoa(s) da família encarregada(s) do cuidado. Considerávamos, de início, que, em famílias com idosos com diagnóstico de demências, o compromisso com o envelhecimento saudável destes poderia implicar o comprometimento das condições de desenvolvimento saudável de seu cuidador informal.

Buscamos elucidar essas questões com base em pressupostos da Psicologia do Desenvolvimento Adulto, interessadas em compreender o significado da relação de cuidado informal no contexto mais amplo das trajetórias de desenvolvimento das cuidadoras. Com essa opção, pretendíamos também colaborar para o entendimento do desenvolvimento adulto.

O estudo de caso aqui apresentado foi analisado com base no marco teórico-metodológico construído pela integração de elementos do TEM com o escopo teórico da TSSD, no intuito de coordenar dimensões espaciais e temporais em um aporte capaz de guiar a interpretação e análise de trajetórias biográficas, tomada como unidade de análise do desenvolvimento humano. A organização, divisão e sistematização da trajetória, aqui apresentada na forma de três mapas de significados e posicionamentos, partiu dos campos de significados ofertados pela própria participante, em meio a processos comunicativos (entrevistas), representações gráficas (mandala e genograma) e outros recursos de pesquisa que serviram de base para a triangulação de dados e interpretações aqui expostas.

Avaliamos que a principal fertilidade do marco teórico-metodológico adotado foi permitir dar visibilidade à totalidade da trajetória, até o momento da pesquisa, compreendendo-a em interdependência com eventos específicos que afetam a pessoa e são apresentados por ela como marcadores de transição desenvolvimental, impulsionando-a em direção à produção de novos campos de significados. Este se mostrou útil tanto para a compreensão da totalidade do curso de vida da pessoa como para abordar o significado de eventos vividos em momentos específicos desta que, por seu significado, tornam-se fundamentais para a organização do sistema de *self* dialógico, ao criar uma unidade entre o passado e o futuro.

A interpretação do significado das mudanças psicológicas na vida adulta, nosso interesse nesse estudo, partiu de um ponto de equifinalidade definido pelas

autoras da pesquisa. Sobre Elisa, compreendemos que a função de cuidadora foi significada como uma opção paulatinamente construída e integrada à sua trajetória, o que envolveu uma cuidadosa avaliação dos recursos disponíveis e uma negociação com os familiares que antes cuidavam da idosa. A despeito do cansaço, dos embates que, por vezes, ocorriam entre elas, e até mesmo de sintomas físicos que passaram a se manifestar nela própria, a função de cuidadora foi assumida por Elisa como uma nova posição que, diante da crise pessoal relacionada ao casamento e à mudança de endereço da filha, contribuiu para a reconfiguração do sistema de *self*, criando novas perspectivas. Por fim, a experiência do cuidar e a convivência com o processo de envelhecimento pôde contribuir com a mudança no sistema crenças e representações sobre a velhice, usualmente identificada com o sentido de perda e exclusão social (Catão, & Grisi, 2014). Nesse caso específico, foi oportunidade para a construção de novos significados afetivos e relacionais. Muitos fatores contextuais contribuíram para esse conjunto de mudanças, como a qualidade da relação conjugal e o apoio do cônjuge, a maior estabilidade financeira da família e o acesso à assistência em saúde pública, incluindo o cuidado à cuidadora, na cidade de moradia de Elisa.

REFERÊNCIAS

- Araújo, C. M., & Oliveira, M. C. S. L., (2020). A semiotic approach to developmental transitions: a young woman's dedication to religious consecrated life. In: M. C. S. L. Oliveira, A. U. Branco, & S. F. D. C. Freire (Eds.), *Psychology as a dialogical science: Self and culture mutual development*. Springer.
- Branco, A. U., Freire, S. F., & Roncancio-Moreno, M. R. (2018). Teacher's role in the dynamics between self and culture. In: G. Marsico, & L. Tateo (Eds.), *The emergence of Self in educational contexts*. (pp. 107-125). Springer.
- Catão, M. F., & Grisi, A. F. M. (2014). Life project and work as matter of exclusion/inclusion of the elderly person. *Estudos de Psicologia*, 31(2), 215-223.
- Daaleman, T. P., & Elder, G. H. (2007). Family medicine and the life course paradigm. *Journal of the American Board of Family Medicine*, 20(1), 85-92.
- Debert, G. G. (2016). Migrações e o cuidado do idoso. *Cadernos Pagu*, 46, 129-149.
- Elder, G. H. (1998). Life course as developmental theory. *Child Development*, 69(1), 1-12.
- Faria, E. B. A., Scardoelli, M. G. C., Castro, V. C., & Nishida, F. S. (2017). Vivências de cuidadores familiares de pessoas idosas com doença de Alzheimer. *Ciências & Cuidado em Saúde*, 16(1), 1-9.
- Ferreira, C. R., & Barham, E. J. (2016). Uma intervenção para reduzir a sobrecarga em cuidadores que assistem idosos com doença de Alzheimer. *Revista Kairós: Gerontologia*, 19(4), 111-130
- Freire, S. F., & Branco, A. U. (2016a). A teoria do *self* dialógico em perspectiva. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(1), 25-33.
- Freire, S. F., & Branco, A. U. (2016b). O *self* dialógico em desenvolvimento: um estudo sobre as concepções dinâmicas de si em crianças. *Psicologia USP*, 27(2), 168-177.
- González-Rey, F., & Martínez, A. M. (2016). Una epistemología para el estudio de la subjetividad: sus implicaciones metodológicas. *Psicoperspectivas*, 15(1), 5-16.

- Gratão, A., Talmelli, L., Figueiredo, L., Rosset, I., Freitas, C., & Rodrigues, R. (2013). Dependência funcional de idosos e a sobrecarga do cuidador. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 47(1), 137-144.
- Hedler, H. C., Faleiros, V., Santos, M. D. J. S., Araújo-Almeida, M. A. (2016). Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso. *Revista Katálysis*, 19(1), 143-153.
- Hermans, H., & Kempen, H. J. (1993). *The dialogical self: meaning as movement*. Academic Press.
- Moreira, M. L., Bucher-Maluschke, J. S., Carvalho, J., & Falcão, D. V. D. S. (2018). Cuidadores informais de familiares com Alzheimer: vivências e significados em homens. *Contextos Clínicos*, 11(3), 373-385.
- Nascimento, P. P. M. (2019). *Quando cuidar é preciso: análise de trajetórias de mulheres em face à necessidade de cuidar de pessoa idosa da família*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
- Oliveira, J. S. C. D., Ferreira, A. D. O. M., Fonseca, A. M., & Paes, G. O. (2016). Desafios de cuidadores familiares de idosos com doença de Alzheimer inseridos em um grupo de apoio. *Revista Enfermagem UFPE*, 10(2), 539-544.
- Oliveira, M. C. S. L. (2020). Psicologia cultural-semiótica: aportes para a abordagem semiótica do desenvolvimento humano na contemporaneidade. In: A. F. Madureira, & J. Bizerril (2020), *Psicologia e cultura: teoria, pesquisa e prática profissional*. Alínea.
- Oliveira, M. C. S. L., & Guimarães, D. S. (2016). Dossiê: Psicologia dialógica: apresentação. *Revista Psicologia (USP)*, 27(2), 165-167.
- Santana, A. C., Oliveira, M. C. S. L. (2016). Desenvolvimento humano: aproximações a uma perspectiva semiótica e dialógica. In: M. C. S. L. Oliveira, J. F. C. Ferreira, G. S. M. Mieto, R. Beraldo (Orgs.), *Psicologia dos Processos de Desenvolvimento Humano: cultura e educação*. (pp. 13-32). Alínea.
- Sato, T., Hidaka, T., & Fukuda, M. (2009). Depicting the dynamics of living the life: the trajectory equifinality model. In: J. Valsiner, A. Fogel, & M. Lyra (Eds.), *Dynamic process methodology in the social and developmental sciences*. (pp. 217-240). Springer.
- Sato, T., Mori, N., & Valsiner, J. (2016). *Making of the future: the trajectory equifinality approach in Cultural Psychology*. Information Age.

- Sato, T., & Tanimura, H. (2016). The Trajectory Equifinality Model (TEM) as a general tool for understanding human life course within irreversible time. In: T. Sato, M. Mori, & J. Valsiner (Eds.), *Making of the future: the Trajectory Equifinality Approach in Cultural Psychology*. (p. 21-42). Information Age.
- Sato, T., & Valsiner, J. (2010). Time in life and life in time: between experiencing and accounting. *Ritsumeikan Journal of Human Sciences*, 20(1), 79-92.
- Schuck, L. M., & De Antoni, C. (2014). Resiliência e vulnerabilidade no cuidado com o idoso dependente: um estudo de caso. *Temas em Psicologia*, 22(4), 941-951.
- Silva, M. O. (2017). *Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia*. [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
- Valsiner, J. (2016). Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida. Artmed.
- Wagoner, B., & Brescó, I. (2016). Conflict and memory: the past in the present. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 22(1), 3-4.
- Wheaton, B., & Gotlieb, I (1997). *Transitions and trajectories*. Cambridge University Press.
- Zittoun, T. (2009). Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. In: J. Valsiner, P. C. M. Molenaar, M. C. D. P. Lyra, & N. Chaudhary (Eds.), *Dynamic process methodology in the social and developmental sciences*. (pp. 405-430). Springer.
- Zittoun, T., & Gillespie, A. (2015). Internalization: how culture becomes mind. *Culture & Psychology*, 21(4), 477-491.
- Zittoun, T., Valsiner, J., Vedeler, D., Salgado, J., Gonçalves, M. M., & Ferring, D. (2013). *Human development in the life course: melodies of living*. Cambridge University Press.